

Torres, Carolina Moreira

Resenha de: *Gorgia epidittico – comento filosofico all’Encomio di Elena, all’Apologia di Palamede, all’Epitaffio* (2012, Aguaplano)

ANAIS DE FILOSOFIA CLÁSSICA

RESENHA

QUEM TEM LÍNGUA AVANÇA AO MAR!¹

GIOMBINI, Stefania. *Gorgia epidittico –commento filosofico all’Encomio di Elena, all’Apologia di Palamede, all’Epitaffio*. Perugia, Itália : 2012.

Carolina Moreira Torres
Cefet-RJ

O livro de Stafania Giombini sobre os textos epidíticos de Górgias de Leontino certamente contribui para a consolidação dos esforços do séc. XX em superar o dilema “retórico x filósofo”, que por tanto tempo excluiu o sofista e a sofística da história do pensamento filosófico. Trata-se de um trabalho que faz uso dos instrumentos e métodos de pesquisa, dos mais tradicionais aos mais contemporâneos, como a filologia e a teoria da comunicação, combinados a análise e reflexões filosóficas do texto gorgiano e dos contextos de sua recepção. Além disso, este livro apresenta de forma organizada, em uma linguagem simples e clara, a história da literatura crítica sobre o tema, e pode ser considerado uma excelente porta de entrada para os estudos sobre Górgias, e uma leitura obrigatória não só para quem já estuda o sofista, mas também para todos os interessados na relação entre sofística e filosofia.

Giombini inicia este trabalho apresentando o histórico da recepção científica à obra de Górgias, de Diógenes Laércio aos estudos mais recentes, mostrando como esse personagem

¹ Este título é uma referência a um dito popular siciliano. Ao falar sobre a importância de Górgias na cultura siciliana, e de sua fama ter chegado até Atena, Giombini cita Pasqualino: “Atravessar o mar era naquele tempo um risco. Levando muito frequentemente ao naufrágio. Os sicilianos [concitadinos] de Górgias, tinham porém uma fé, que ainda hoje, na ilha, se encontra e se expressa com o dito: *Chi havi lingua passa ’u maré!* Vale dizer: quem tem a capacidade de exprimir-se e de fazer-se entender, pode e deve atravessar o mar, pode e deve sair da ilha, e andar a procura de sua sorte fora”. Pasquali *apud*. Giombini pág. 15

Torres, Carolina Moreira

Resenha de: *Gorgia epidittico – comentario filosofico all’Encomio di Elena, all’Apologia di Palamede, all’Epitaffio* (2012, Aguaplano)

foi interpretado ao longo do tempo. Em seguida, busca uma leitura global dos textos epidíticos do sofista que possa contribuir para a “plena reabilitação” da sua expressão filosófica, uma vez que, segundo ela, “o velho cliché ainda não caiu por completo” (pág. 16). Neste intuito, ela propõe que consideremos os textos de Górgias em uma perspectiva “*macro-retórica*”, para que seja possível sustentar a “habilidade e a racionalidade da estrutura compositiva da obra gorgiana através de elementos próprios à teoria comunicacional mais recente” (pág. 16). Somente depois um trabalho de generosa preparação do leitor, a autora inicia sua apresentação dos textos epidíticos que “caracterizaram a produção e o personagem Górgias, mas nos quais não foi reconhecido nenhum valor filosófico, pelo menos não como foi no caso do *Peri tou mé ontos*, o tratado sobre a natureza no qual Górgias operou uma reflexão sobre o não-ser”. (pág. 16-17) Assim, Giombini nos apresenta sua tradução da obra epidídica gorgina: *l’Encomio di Elena, l’Apologia di Palamede e l’Epitaffio*, cada um dos textos advindos de uma introdução geral e seguidos por um comentário e por uma *Scheda*².

Decidimos, para uma melhor apresentação do livro, seguir a ordem de sua estrutura interna. Assim, partimos do ensaio introdutório, que a autora dividiu em duas partes: “*La riabilitazione di Gorgia. Una storia della critica*” e “*La retorica in Gorgia*”. Na primeira parte, a autora fornece literalmente um catálogo bibliográfico dos estudos gorgianos, que a partir do século XX, quando alcança os anos 50, passa a apresentar, década por década, as principais publicações sobre o tema.

Em sua apresentação da história da crítica, Giombini começa por nos dizer que “a reabilitação de Górgias dentro do pensamento filosófico foi realizada em conjunto à reabilitação da sofística em sua totalidade”. (pág. 21). Sabemos que, já de início, o movimento sofístico foi fortemente criticado por seus contemporâneos. O posicionamento socrático, platônico e aristotélico sobre a sofística se tornou decisivo para que, durante muito tempo, ela tenha sido considerada de forma negativa, “sem seriedade e substancialidade, detida ao falso e ao engano, ligada a imoralidade”. (pág.21) Para Giombini, o conhecimento restrito sobre os sofistas, para o qual contribuiu também a escassez de fontes primárias, levou a uma adesão quase acrítica ao posicionamento dos filósofos antigos. Ela marca como início do problema o livro *Vidas e doutrinas dos filósofos ilustres*, de Diógenes de Laércio. Esta obra, que

² A palavra italiana *Scheda* significa ficha bibliográfica ou catalográfica, mas também pode significar cartão, cédula ou boletim. Preferimos guardar a palavra em seu original, por não encontrar uma tradução adequada. Trata-se de um texto após o comentário, que desenvolve de forma mais aprofundada alguns conceitos-chave levantados pelo comentário.

Torres, Carolina Moreira

Resenha de: *Gorgia epidittico – comento filosofico all’Encomio di Elena, all’Apologia di Palamede, all’Epitaffio* (2012, Aguaplano)

apresenta os grandes nomes da história da filosofia da antiguidade, de Tales a Epicuro até os estoicos, reserva a Protágoras um espaço mínimo, em tom de crítica, e não inclui Górgias. (p.22). Apenas com Hegel, em suas *Lições sobre a história da filosofia* (primeira edição em 1833), a sofística aparece como um movimento. Contudo um movimento de antítese à filosofia naturalista dos pré-socráticos, intermediário a síntese platônico-aristotélica.³ Assim, Hegel reinsere a sofística na história do pensamento, como “uma necessidade lógica ao intuito da constituição do sistema (uma verdadeira e própria necessidade do espírito), assumindo que sem a antítese sofística não se poderia chegar à filosofia platônica” (pág. 23). No entanto, Giombini ressalta que “se por um lado ele deu espaço ao ‘movimento sofisticado’, por outro, ele o atribuiu uma identidade própria ao pô-lo como movimento antitético, de contradição” (pág. 23).

É a partir de 1875 com o livro de Grote, *Plato and the other Companios of Sokrates* que a sofística ganha valor positivo. Sobre este processo de legitimação da sofística, Giombini cita também a obra *Pensatori greci* de Gomperz (1933) e pesquisadores de grande importância para a história da retórica como Blass, Norden e Navarre. A autora finaliza a apresentação deste processo falando sobre a inclusão dos sofistas na edição de 1906-1910 da obra *Die Fragmente der Vorsokratiker* de Hermann Diels, lançada em 1903.

Segundo Giombini, entre o século XIX e o XX, os estudos sobre Górgias ganham maior atenção, especialmente com os artigos *Sur le fragment d’oraison funebre attribué a Gorgias*, de Caffiaux, publicado em 1888, e a *Note sur l’Éloge d’Hélène de Gorgias*, de Diès, publicado em 1913. Segundo a autora, o século XX acaba por se tornar “o amanhecer de um caleidoscópio”, “uma curva ascendente na restituição dos sofistas ao âmbito do conhecimento filosófico” (pág. 27). Como exemplo do crescimento e da riqueza dos trabalhos sobre a sofística no século XX, Giombini cita o *Estudo sobre o Eleatismo* de Calogero, 1932; *Les Sophistes (Protágoras, Gorgias, Prodicus e Hippias)* de Dupréel, 1948 e *I Sofisti* de Untersteiner, 1949, sublinhando que nesta última obra o autor chega a afirmar que a sofística é claramente filosófica e identifica a ontologia, a epistemologia, a ética, a estética e a retórica nos textos de Górgias (págs. 27-28).

³ De acordo com Giombini, “apesar do subjetivismo [atribuído aos sofistas] representar, para Hegel, a tentativa de encontrar um conteúdo essencial absoluto na razão, [o movimento sofisticado] restava sendo consciência incapaz de elevar-se a autoconsciência” (pág.23).

Torres, Carolina Moreira

Resenha de: *Gorgia epidittico – comento filosofico all’Encomio di Elena, all’Apologia di Palamede, all’Epitaffio* (2012, Aguaplano)

A partir dos anos 50, a autora passa a apresentar um vasto catálogo da literatura contemporânea sobre Górgias. Escolhemos citar aqui algumas das obras que consideramos mais relevantes, com o objetivo de que esta apresentação produza um efeito análogo ao que opera no livro de Giombini: de introduzir os principais temas a partir dos quais a obra gorgiana foi analisada e fornecer referências que mais a frente serão úteis a análise dos textos gorgianos.

Giombini marca entre os anos 50 e 70 a primeira fase da redescoberta de Górgias, com a publicação de um volume inteiro sobre o *Epitáfio*, de Vollgraff, em 1952. Em 1957, Calogero lança um artigo intitulado *Gorgias and the Socratic Principle*. De acordo com a autora, “Calogero, neste trabalho, tenta demonstrar como o princípio socrático da impossibilidade de pecar voluntariamente se avizinha a uma ideia condutora do *Helena* e do *Palamedes* de Górgias; Em outras palavras, o autor está particularmente atento a temática moral presente nos dois discursos epidíticos, estabelecendo também suas conexões com a *Apologia de Sócrates* de Platão” (pág. 29). Entre outras obras importantes, também citadas nesse período, destacamos *Gorgias and the psychology of the logos*, de autoria de Segal publicada em 1962. Neste estudo “o autor dá grande importância à obra epidítica gorgiana e sustenta que o *Peri tou mè ontos* não é representativo do pensamento gorgiano, uma vez que ainda pertence ao primeiro período do sofista, quando ele “evidentemente ainda era influenciado pelos Eleatas e por Empédocles; enquanto as duas obras fariam parte da produção mais madura do sofista, quando ele se desvincula da posição eleática e se avizinha do relativismo protagoriano” (pág. 29).

No ano de 1963, Giombini destaca duas publicações relevantes: o livro *Sócrates* de Antonio Banfi e *The art of persuasion in Greece* de Kennedy. Sobre o primeiro, a autora nos diz que propõe a seguinte interpretação que vale a pena ter em conta: “Para Banfi, a sofística não é um movimento niilista ou cético, mas pelo contrário, exprime um pensamento concreto que se mistura com a finitude do homem, com sua racionalidade limitada àquilo que é real e que se atem a experiência humana concreta. A sofística opera, segundo o estudioso, pela organização e difusão do saber por propósito prático e civilmente unitário” (pág. 30). Para compor a lista de obras importantes nesse período a autora cita ainda: *Storia della Sofistica* (Levi 1966), *The Sophists* (Guthrie, 1971), *Gorgia, retórica e filosofia* (Vitali, 1971) e o artigo *Logos e aletheia nell’Encomio di Elena di Gorgia* (Bonn, 1974).

Torres, Carolina Moreira

Resenha de: *Gorgia epidittico – comentario filosofico all’Encomio di Elena, all’Apologia di Palamede, all’Epitaffio* (2012, Aguaplano)

Ao iniciar sua apresentação das obras mais importantes publicadas nos anos 80, Giombini afirma que “*Os Sofistas [the sophistic movements]* de Kerferd [de 1981] representa o ápice da curva que desenha a reabilitação do movimento sofístico no mundo da filosofia” (...) “com Kerferd se alcança o vértice de uma linha interpretativa, em sua máxima expressão” (pág. 33). Esta obra tem por questão principal esclarecer o que se entende com o termo “sofista”, para que se possa atribuir-lhe um valor justo. “Para Kerferd, “sofista” é aquele que se interessa pelo âmbito humano, por todo o conhecimento a partir da ideia filosófica relativista: em suma, o “sofista” vive em uma dimensão filosófica *stricto sensu*, ele é “filósofo” (pág. 33).

A lista de obras relevantes citadas pela autora como parte desse período é extensa. Faremos alusão apenas a algumas, como por exemplo ao comentário de Calboli à obra *Die Antike Kunstprosa* de Norden, publicada em 1986. Calboli sustenta que para compreender bem a retórica gorgiana é necessário relacioná-la ao pensamento geral do sofista. Ele elenca as figuras que Górgias usava sistematicamente, como antítese, isócolo, homeoptoto, homeoteleuto, paronomásia (trocadilho), e diz que Górgias fez nascer uma “doutrina das figuras”. De acordo com Calboli “o uso de certas figuras é combinado com concepções precisas e abordagens doutrinárias [por exemplo] a antítese corresponde não só a uma figura retórica (...), mas à ideia gorgiana de que as coisas se compõem de qualidades opostas e que o *lógos* se exercita ora em um sentido, ora em seu oposto” (pág. 37). Na sequência, a autora cita o trabalho de Banu *La philosophie de Gorgias, une ontologie du logos*, de 1987. Giombini também faz referência a ampla produção de Bárbara Cassin: do *Si Parménide. Le traité anonyme De Melisso Xenophane Gorgias* de 1980 a *L’effet sophistique* de 1995, que sustenta uma posição diferente. Para Cassin, “a sofística é capaz de mostrar os limites da filosofia pondo em discussão a linguagem e a sua natureza profunda”. Segundo ela, “com Górgias a ontologia se faz logologia e o seu *Peri tou mè ontos* demonstra precisamente a inconsistência da ontologia uma vez submetida ao poder da linguagem” (pág. 38).

No início de seu livro, logo na introdução, Giombini explica que a capacidade retórica desenvolvida por Górgias foi tão apreciada na antiguidade que havia uma expressão para referir-se ao modo gorgiano de falar: o *gorgiazein*, ou seja, “falar a maneira de Górgias” e a ele também foi atribuído o “*gorgieia schemata*”, para referir-se ao uso de algumas figuras. Ao falar sobre o começo dos anos 90, a autora marca que entre 90 e 91, foram lançados três artigos que se voltavam justamente para essa questão: *Nota sull’Encomio di Elena*, de

Torres, Carolina Moreira

Resenha de: *Gorgia epidittico – comento filosofico all’Encomio di Elena, all’Apologia di Palamede, all’Epitaffio* (2012, Aguaplano)

Milazzo, *Parola poetica e canto magico nella teoria gorgiana del discorso*, de Velardi, e *La parola che “incanta”*: note all’Elena di Gorgia, de Mureddu. Nesse mesmo sentido foi lançado um ensaio de Pòrtulas, em 91, com o título de *Lode poetica ed encómio sofistico: la verità di Pindaro e quella di Gorgia*. “Segundo Pòrtulas, Górgias se propõem a criar uma nova figura de operador cultural e sente, para isso, a necessidade de reconstruir o prestígio poético para poder valorizar a própria prosa. Górgias queria fundar uma verdadeira e própria ciência da linguagem, mas o sofista não agia sobre um terreno virgem, pelo contrário, baseia-se na tradição poética, que sempre foi portadora de críticas e louvores” (pág. 40).

Entre diversos outros trabalhos citados, nos chamou a atenção a referência ao artigo *L’enfance de l’art. Plaisir et jeu chez Gorgias* de Noël, publicado em 1994. Neste artigo a autora desenvolve a relação entre *paignion* e seriedade e *paignion* e enigma. “Sobre o primeiro ponto a autora observa que jogo e seriedade não podem ser dissociados dentro da criação literária” (pág. 41), isso porque, segundo Noël, “ao associar jogo e seriedade, nós introduzimos entre o sujeito e seu tratamento a possibilidade de uma lacuna, de uma distância irônica, que abre a via a múltiplos níveis de leitura”. (pág. 41). Em seguida, “Noël analisa a relação entre *paignion* e *ainigma* e nota que como o enigma é uma forma paradoxal, obscura, que necessita ser interpretada para poder dizer alguma coisa, assim também o *paignion* é um jogo porque nele se esconde alguma coisa que deve ser descoberta. Como o enigma é uma das maiores formas de sabedoria arcaica, assim também o *paignion* pode ser uma forma de conhecimento e de sabedoria” (pág. 42).

Também consideramos importante citar *L’ambigua realtà del discorso nel Peri tou mè ontos di Gorgia (con un acceno all’Elena)* de Casertano, publicado em 1995. Este trabalho se concentra sobre a dialética *logos-pragmata*. Ele defende que “os *pragmata* não dão sentido ao *lógos* e o *lógos* não pode clarear a natureza dos *pragmata*: esse limite não permite uma perfeita transmissão da verdade, mas não impede que se possa desenvolver a potencialidade do discurso a fim de aumentar a nossa consciência”. De acordo com Casertano, “é necessário andar em busca do ser das coisas, que não é atingível com o discurso, mas somente com a *ópsis*, isto é, com o olho que é capaz de revelar aquilo que somos de maneira imediatamente verdadeira” (pág. 42). Este trabalho trata da maneira gorgiana de relacionar o mundo e a linguagem, questão de extrema importância na obra do sofista, que será trabalhada também por Mazzara no livro *Gorgia, la retorica del verosimile*. Neste livro, seu autor analisa o *Peri tou mè ontos*, a luz do seguinte fragmento de Proclo: “Dizia que o ser é obscuro se não atingir

Torres, Carolina Moreira

Resenha de: *Gorgia epidittico – commento filosofico all’Encómio di Elena, all’Apologia di Palamede, all’Epitaffio* (2012, Aguaplano)

as opiniões, e que as opiniões são débeis se não atingirem o ser” (DK82 B26) (pág. 43). De acordo com Giombini, Mazzara “teoriza que, para Górgias, a comunicação não pode ser objeto da verdade, mas somente do verosímil; e, uma vez que o verosímil é verosímil com respeito a verdade, especialmente a luz do *Hel.* 11, se pode afirmar que Górgias dedica todo seu pensamento ao conceito de verdade que, embora não disponível, age como um modelo ou, se poderia dizer, um ideal regulativo” (pág. 43).

A autora demonstra como os estudos se desenvolveram no sentido de buscar interpretações sobre os textos de Górgias capazes de conciliar as características filosóficas e retóricas de sua obra. Por fim, cita trabalhos recentes e relevantes nesse sentido, como o artigo de Natali *Aristotele, Gorgia e lo sviluppo della retorica*, o trabalho de Cosigny *Gorgias: sophist and artist*, e a ampla produção de Rossetti, com *La rhétorique de Socrate, La dimensione metacognitiva dei testi paradossali nell’età dei Sofisti, La componente metacognitiva della filosofia e del filosofare, L’invenzione della filosofia*, entre outros. Giombini conclui dizendo que a tendência da literatura crítica dos últimos anos consolidou uma leitura filosófica sobre a obra de Górgias e a sofística em geral e também indica uma atualização radical da ciência da comunicação.

Dei aqui grande atenção a apresentação que autora nos faz da literatura crítica sobre a obra de Górgias por considerá-la esclarecedora e generosa. Após acompanhar esse ensaio sobre a história das interpretações acerca dos textos gorgianos e da sofística em geral, acredito que as principais questões que serão desenvolvidas através dos textos epidíticos surgirão de forma mais natural. Seguimos então, para uma breve apresentação das considerações feitas por Giombini na segunda parte de seu ensaio introdutório, intitulado *La retorica in Gorgia*.

Giombini nos apresenta a retórica de Górgias como o resultado da passagem da eloquência poética para a prosa, tentando compensar a perda da métrica e do acompanhamento musical através de um sistema de simetrias, paralelismos, antíteses, aliterações, e rimas.

Sobre o gênero epidítico, a autora nos diz que ele é analisado por Aristóteles no livro I de sua *Retórica*, junto aos gêneros deliberativo e judiciário, e que enquanto o deliberativo se desenvolve em torno de questões como finanças, guerra e paz, defesa do país, importação e exportação; e o judiciário trata de acusações e defesas, o epidítico tem por objeto o elogio e a culpa. Há no entanto uma diferença, sublinhada pelo estagirita, entre encómio e elogio: o encómio trata de uma certa ação que deve ser louvada, já o elogio é um discurso que

Torres, Carolina Moreira

Resenha de: *Gorgia epidittico – comento filosofico all’Encomio di Elena, all’Apologia di Palamede, all’Epitaffio* (2012, Aguaplano)

evidencia a virtude do sujeito. Contemporâneo à retórica de Aristóteles, há um tratado conhecido como *Retórica a Alexandre*, que reconhece no discurso epidítico sete subdivisões: a exortação, a dissuasão, o elogio, a condenação, a acusação, a defesa e o exame (Rhet. Alex: 1,1) (pág. 48).

A autora esclarece que antes de Aristóteles, podemos entender por discurso epidítico toda e qualquer obra de eloquência de função celebrativa, que demonstrava a bravura do rétor e promovia a sua imagem. O termo *epideixis* podia ser usado no sentido de conferência, mas também de discurso, ou leitura pública, que inclui os discursos fúnebres e também os olímpicos. No caso de Górgias, sua eloquência nos discursos epidíticos representava não apenas um divertimento, mas consistia em um modelo próprio de argumentação que, além de persuadir a plateia, tinha também por objetivo a autopropaganda. Este era um tema sobre o qual não se pode dizer que Górgias não se empenhava, basta lembrar que ele mandou colocar uma estatua de si mesmo em frente ao templo de Apolo, para que todos que fossem consultar o oráculo tivessem que passar por ele (pág. 50).

Giombini cita Del Corso para dizer que a *epideixis* puramente oral (como exposição de um discurso) vai passando por um processo de substituição progressiva, dando espaço a uma forma de conferência na qual a improvisação e o diálogo com o público se alteram com um momento de leitura declamada. A autora nos apresenta um interessante fragmento de Filostrato, atestando que essa prática nasceu com Górgias: “...parece que Górgias foi o primeiro a improvisar o discurso; foi ele, de fato que, apresentando-se em um teatro ateniense, ousou dizer: “proponham-me um tema” [προβállετε], e foi ele o primeiro a pronunciar esta frase arriscada, mostrando assim que sabia tudo e que podia falar sobre tudo, confiando na inspiração do momento” (Philostr. DK82A1) (pág. 51). Em seguida, Giombini nos fala que, depois de pronunciado diante de um auditório, o mesmo texto ganhava a circulação de uma cópia escrita, e cita Turner para dizer que: “o texto escrito seguia à declamação pública, de modo tal que aquele mesmo texto se tornava uma verdadeira e própria publicação da qual o orador podia usufruir para se fazer conhecer, para dar a ler a um colega ou a um possível cliente que estivesse em busca de um mestre de retórica” (pág. 52).

Ainda sobre o gênero epidítico a autora nos diz que no século V sua declamação e circulação foi realmente consistente, e que nessa época uma obra epidítica se reconhecia pela sua forma e não necessariamente pelo seu conteúdo, como mais tarde dirá Aristóteles, podendo tratar de assuntos filosóficos. (pág. 53) Com o objetivo de analisar os textos

Torres, Carolina Moreira

Resenha de: *Gorgia epidittico – comento filosofico all’Encomio di Elena, all’Apologia di Palamede, all’Epitaffio* (2012, Aguaplano)

epidíticos gorgianos nessa perspectiva, Giombini passa a expor os conceitos de *macro-retórica* e *micro-retórica*, para através deles apresentar seu método de trabalho.

Por *macro-retórica* a autora compreende a dimensão que valoriza “os elementos que podemos controlar e projetar na construção de um discurso e, definitivamente, no por quê um texto é construído de um certo modo e não de um outro modo possível” (pág. 53). Ela ressalta que o que hoje um estudioso da comunicação e da retórica, e mesmo um filósofo, não pode deixar de identificar diante de um texto é a estratégia de “formatação” deste texto. Nesse processo a *macro-retórica* se realiza por meio de diversas técnicas e níveis, e em primeiro lugar leva em conta a relação autor-leitor. Giombini nos diz que: “entre o autor e o leitor se estabelece uma relação que consagra um acordo tácito, o *contrato literário*, segundo o qual o autor deve ter em conta a exigência do segundo (seu interesse, sua capacidade de compreensão), e o leitor se põe em sua espera. Esta posição contribui para criar um horizonte de expectativas dentro do qual as duas partes agem condizentemente com a forma apropriada de interação” (pág. 54). Após apresentar o conceito de “contrato literário”, a autora nos propõe ampliá-lo para que possa falar mais genericamente de “contrato comunicacional”, dizendo que “cada texto, mesmo aquele que se impõe pela máxima cientificidade e tecnicidade, é construído, na realidade, segundo exigências comunicacionais funcionais à penetração e à divulgação de uma mensagem” e conclui dizendo que: “o contrato comunicacional é então uma extensão daquele literário, e como tal, respeita e compartilha seus aspectos e regras fundamentais” (pág. 54).

É neste momento que Giombini nos oferece a base de sua interpretação da obra gorgiana: ela busca aplicar o modelo do contrato comunicacional aos textos epidíticos e percebe que Górgias produz um desnível no contrato, não se preocupando em permanecer dentro da margem de uma comunicação normal, mas ao contrário, impondo as regras do seu próprio jogo de maneira arbitrária, e buscando alcançar a *capitulação intelectual* do leitor. O leitor, ou ouvinte, por sua vez, deve render-se diante da supremacia do autor, ou orador, tendo por consequência a vitória da *ratio* e da técnica argumentativa do último sobre o primeiro. Sobre este ponto, a autora faz referência ao conceito de *reformatação induzida* (*riformattazione indotta*), cunhado por Rossetti, que nomeia o processo através do qual aquele que fala reinicia a partir do zero aquele que escuta, modificando as suas coordenadas e atribuindo novos significados aos elementos da conversação. Giombini conclui que “Górgias se empenha intensamente para levar o ouvinte a não refletir, mas sim, a assimilar a proposta

Torres, Carolina Moreira

Resenha de: *Gorgia epidittico – comento filosofico all’Encomio di Elena, all’Apologia di Palamede, all’Epitaffio* (2012, Aguaplano)

do orador”. De acordo com ela, “o contrato comunicacional imposto por Górgias é do tipo “coercitivo” e não necessita do acordo do ouvinte, que não dá um livre assentimento, mas, de fato, sofre a violência e, ao mesmo tempo, a beleza do discurso” (pág. 55).

Do ponto de vista da estrutura argumentativa, Górgias opera uma alternância entre discurso e meta-discurso, ou seja, além de apresentar os elementos próprios ao argumento tratado, ele se refere ao discurso que está desenvolvendo, repetindo uma fórmula baseada em um *demonstrandum* (“como queria demonstrar”, assim o autor diz ter demonstrado efetivamente o que havia dito inicialmente). Giombini esclarece que “a função do *demonstrandum* não se aplica à simples enunciação do conteúdo, mas se torna parte constitutiva de todo o discurso na sua inteireza. O discurso, então, se desenvolve a partir do *demonstrandum* principal no qual são elencados os argumentos que serão discutidos singularmente. Depois de cada demonstração singular, Górgias corrobora a tese inicial em virtude da prova que acabou de dar. A estrutura do discurso, deste modo, garante rigor a todo o raciocínio, que acompanhado de um preciso desenvolvimento lógico, torna inatacável o raciocínio no seu complexo” (pág. 56).

Giombini finaliza sua apresentação sobre a perspectiva *macro-retórica* da obra de Górgias dizendo que: “se para a literatura tradicional, a força do discurso gorgiano consistia em um *finissage* estilístico de altíssimo nível, desse momento em diante se deverá ter em conta a presença de um projeto consciente que o orador propunha a seu público com respeito ao que constitui o próprio discurso” (pág. 57).

A abordagem *macro-retórica* que busca atentar para os aspectos da obra como um todo, das suas estratégias de composição às intenções que a unificam, deve ser combinada à uma análise *micro-retórica*. Isto é, uma análise que esteja atenta também para o modo como a linguagem é utilizada no texto, o uso das figuras e as escolhas estilísticas. Essa dimensão é a que mais chamou a atenção na obra de Górgias, uma vez que ele ficou famoso justamente pela maneira peculiar com que conduzia o discurso, que deu origem a expressão “*gorgiazein*”. De acordo com Giombini, “o aspecto *micro-retórico* da obra de Górgias sempre capitaneou os estudos dos especialistas” (pág. 60). De fato, ele fazia uso frequente de diversas figuras de linguagem, compondo um texto tão rico em seus aspectos *micro-retóricos*, que depois de um tempo passou a ser criticado e até ridicularizado por ser um texto exagerado, com excesso de ornamentos. (pág. 61). Para finalizar seu ensaio introdutório, Giombini nos fornece uma lista das figuras mais usadas por Górgias: “aliteração, quiasma, clímax, anadiplose, epenalexe,

Torres, Carolina Moreira

Resenha de: *Gorgia epidittico – comento filosofico all’Encomio di Elena, all’Apologia di Palamede, all’Epitaffio* (2012, Aguaplano)

figura etimológica, hipérbato, antítese, metáfora, isócolo, parisose, homeoteleuto, paronomásia, poliptoto e *ex abrupto*” (pág. 62).

Após esse ensaio a autora dá início à sua introdução ao *Elogio de Helena*. Essa introdução é dividida em quatro partes: a primeira intitulada “*la rilettura del mito*”, fala sobre as diferentes versões da história de Helena, conforme contada por Homero, Hesíodo e Estesícoro; a segunda “*Un’incerta datazione*” fala sobre a possibilidade do *Elogio de Helena* de Górgias ser um texto localizado entre 412 e 415a.C, por comparação as tragédias *Helena* e *As Troianas* de Eurípides – mas há especialistas que afirmam não ser possível essa comparação por causa da “profunda heterogeneidade” entre as obras dos dois; a terceira sessão “*Il titolo: “encómio” o “apologia”?*” trata de uma provocação feita por Isócrates de que na verdade Górgias não teria feito um elogio a Helena, e sim uma obra para desculpá-la. Quanto a isso, a autora afirma que ainda que o texto tenha uma característica apologética, Helena foi perdoada pelo marido e voltou para casa, o que faz com que não se trate de um caso judiciário, como era, por exemplo, o caso de Palamedes. Além disso, em termos textuais, um elogio se torna mais funcional que uma apologia, porque os textos apologéticos são mais sérios, tem peso de discurso judiciário e podem acabar em condenação a despeito da apologia, enquanto o elogio é um formato mais agradável e atraente. Por fim, a autora nos fala sobre a construção mesma do texto, em uma sessão intitulada “*La struttura: la forma e la lógica*”. Neste sessão, o *Elogio de Helena* é organizado e analisado segundo a seguinte divisão: os primeiros parágrafos (1 e 2) formam o *proemium*, que tem o objetivo de predispor o auditório a ouvir o discurso e seduzi-lo quanto ao tema; os parágrafos 3 a 5 formam o *encomium*, o lugar do elogio propriamente, onde Górgias se refere à origem divina de Helena, que era filha de Zeus. Do parágrafo 6 ao 20 se dá a *apologia*, que por sua vez é dividida em *prothesis*, *tractatio* e *comprehensio*. A *prothesis* (parágrafo 6), é a parte dedicada a exposição das motivações que irão sustentar a tese defendida. Nesta obra, Górgias propõe quatro motivos pelos quais Helena pode ter deixado seu marido e filhos para seguir com Paris para Tróia: ou foi por destino ou desígnio divino; ou porque foi raptada a força; ou porque foi persuadida com a palavra, ou porque caiu de amor. Górgias precisará analisar cada um desses motivos *demonstrando* que Helena não pode ser responsabilizada em nenhum desses casos, para, assim, provar a sua inocência e desfazer os maus juízos referentes a sua conduta. Em seguida, do parágrafo 9 ao 18, se desenvolve a *tractatio*, que contém as demonstrações e também algumas digressões que permitem aprofundar os temas que fundamentam essas

Torres, Carolina Moreira

Resenha de: *Gorgia epidittico – comento filosofico all’Encomio di Elena, all’Apologia di Palamede, all’Epitaffio* (2012, Aguaplano)

demonstrações; por exemplo, é nessa parte que Górgias fala do efeito do discurso na alma, apresenta explicações sobre a construção da realidade através da visão, e fala sobre a natureza do amor. O parágrafo 19 é dedicado a *comprehensio*, momento da recapitulação geral e também lugar onde o autor afirma ter demonstrado o que se propõe a demonstrar. Por fim, o último parágrafo é chamado de *Peroratio*, trata-se do momento onde o autor pode fazer seu apelo afetivo a cólera ou a piedade da plateia. Mas Górgias adiciona aqui um outro parágrafo ainda, o 21, onde afirma que com seu discurso além de respeitar os princípios a que se propõe no início, também contribuiu para desfazer a injustiça de uma condenação baseada em uma opinião ignorante, e finaliza dizendo que o que para Helena foi um elogio, para ele foi um jogo.

Giombini comenta parágrafo por parágrafo e oferece uma *Scheda* onde aprofunda as noções fundamentais para sua análise da obra, que são: a noção de verdade; a “desresponsabilização”; o rapto; a culpabilidade penal e civil; a definição que Górgias apresenta sobre o *lógos* (como um grande senhor, com poderes sobre a alma); as duas artes que Górgias apresenta como efeitos mágicos do discurso: induzir a alma ao erro e induzir a opinião ao engano; um novo elemento jurídico que condena o mal uso do *lógos* para persuasões indevidas; a divisão do discurso em três: meteorológico, oratório e filosófico; o *phármakon*; a tentativa de uma teoria do conhecimento (que propõe a alma como sendo passiva, sempre sofrendo e sendo marcada por impressões externas e a visão como elemento privilegiado de acesso a realidade, conseqüentemente contribuindo para “plasmar” a alma); uma antropologia (através do conceito de *akrasía*) e por fim, as dificuldades provenientes do conceito gorgiano de jogo (*paígnion*).

Não nos cabe apresentar aqui cada uma dessas análises, contudo acreditamos que ao citar as divisões internas e a estrutura escolhida pela autora para organizar seu comentário, podemos mostrar ao leitor a acuidade de seu trabalho.

Giombini segue para o segundo texto que nos apresenta: *A defesa de Palamedes*. Em sua introdução à obra, a autora começa por nos apresentar o mito em algumas de suas diferentes versões. Em seguida, nos diz que a datação do texto gorgiano é incerta, assim como no caso do *Elogio de Helena*, mas que provavelmente ele pertence a fase de maior atividade do sofista, por volta de 427a.C. Por fim, propõe, junto com Untersteiner e outros pesquisadores, que “o argumento trágico e a situação proposta pelo sofista tem um certo tom

Torres, Carolina Moreira

Resenha de: *Gorgia epidittico – comento filosofico all’Encomio di Elena, all’Apologia di Palamede, all’Epitaffio* (2012, Aguaplano)

dramático, um *páthos* próximo àquele narrado por Platão na sua *Apologia de Sócrates*” (pág. 150).

Sobre a estrutura da obra, Giombini nos apresenta a divisão proposta por Untersteiner: do parágrafo 1 ao 5, Górgias, escrevendo em primeira pessoa, como se fosse o próprio Palamedes, abre o discurso com um *proóimion* (proemio), em seguida (do parágrafo 6 ao 21), é o momento da *apódeixis* (demonstração da inocência), entre os parágrafos 22 e 26 tem lugar *tà pròs antídikon* (os argumentos do adversário), o parágrafo 27 é dedicado às *antikategoríai* (a sugestão de uma contra-acusação), e seguida, do 28 ao 36, vem o apelo aos juízes (*tà pròs toús dikastas perì heautoû*) e por fim, o parágrafo 37 apresenta o resumo e o encerramento (*hypómnesis*) (pág. 152).

Antes de entrar em seu comentário ao texto, a autora nos fala que a *Defesa de Palamedes* tem uma diferença fundamental em relação ao *Elogio de Helena* com relação à estrutura: nesta obra a primeira parte é construída como uma montagem em série e a segunda como uma montagem em paralelo. O *Elogio de Helena* é todo construído pela montagem em paralelo. Na montagem em série cada proposição depende da precedente: se uma hipótese cai, o texto perde o sentido, enquanto na montagem em paralelo as proposições são independentes uma da outra, e se uma não é eficaz, isso não interfere na validade da outra (pág. 153). Por fim, ela nos adverte que “se trata de uma construção meticulosa de argumentações que de fato constitui um *corpus* difícil de tratar” (pág. 153).

Após a tradução e o comentário parágrafo por parágrafo, Giombini nos apresenta uma *scheda* que começa por comparar a autodefesa de Palamedes com a autodefesa de Sócrates. Em seguida, nos oferece uma proposta sobre a possibilidade da comunicação, ainda que imperfeita, através de argumentos retirados do *perì tou mè óntos*. Depois, trata das relações entre a obra de Górgias e a obra de Alcídamente intitulada *Odisseu (Acusação dei traição contra Palamedes)*. Nos fornece também uma apresentação da especificidade jurídica da *Defesa de Palamedes*, que é um típico caso de *lógos amártyros*, ou seja, discursos judiciais aos quais faltam testemunhos dos eventos efetivos, e depois aborda a formulação gorgiana do *princípio de não contradição*. No parágrafo 25 da *Defesa*, Palamedes mostra que Odisseu é contraditório ao afirmar que ele seja ao mesmo tempo sábio e louco. “Sábio porque hábil, perigoso e engenhoso, mas também é louco porque capaz de uma ação torpe e desvantajosa” (pág. 210). De acordo com Giombini: “a formulação gorgiana do princípio de não contradição não é uma formulação abstrata com pretensão de caráter de universalidade, mas é

Torres, Carolina Moreira

Resenha de: *Gorgia epidittico – comento filosofico all’Encomio di Elena, all’Apologia di Palamede, all’Epitaffio* (2012, Aguaplano)

ligada a elementos materiais, a situações concretas” (pág. 224). Segundo a autora, “Górgias participou da constituição da lógica formal antiga pressupondo e utilizando em sua obra estruturas que teriam sido desenvolvidas na lógica posterior” (pág. 225). Giombini dá lugar ainda, em sua *scheda*, a considerações sobre a importância da figura de Palamedes como um *prótos heurétés* (um primeiro inventor) e cita Brelinch para dizer que: “[*ele*] não inventa, por exemplo, o fogo, nem o arado, nem o sacrifício. Neste sentido, os documentos, derivados de várias épocas, mostram uma coerência que autentifica a figura de Palamedes como herói de uma civilização evoluída que talvez ainda se maravilhasse com suas próprias conquistas” (pág. 226). Giombini finaliza sua *scheda* com uma sessão intitulada *O direito entre Palamedes e Hipodamos (Il diritto tra Palamede e Ippodamo)* que fala sobre a contribuição do *Elogio de Helena* e da *Defesa de Palamedes* para a construção dos discursos de natureza judiciária. A autora cita um trabalho de Rossetti, intitulado *Processo e istituzione giudiziarie nelle Leggi di Platone*, onde ele relaciona os textos de Górgias às *Leis* de Platão e ao pensamento de Hipodamos de Mileto, que é citado por Aristóteles (*Pol.* II 8) como alguém que propunha constituir uma só corte suprema à qual deveriam se referir todas as causas que parecessem não ter sido devidamente julgadas e que fosse formada por um certo número de anciões eleitos por votação. (pág. 227).

Findas as considerações sobre a *Defesa de Palamedes*, a autora trabalha sobre um último texto epidítico gorgiano: o *Epitáfio*. Esse tipo de discurso era feito para elogiar aqueles que haviam dado a própria vida pela pátria, para fornecer um suporte psicológico aos familiares e para que a *polis* se apegasse aos nomes dos heróis mortos. O *epitáfio* gorgiano não chegou até nós completo, resta-nos apenas um fragmento. De acordo com Giombini, não há muito sobre este texto na literatura crítica. Ela cita apenas um texto de Henri Caffiaux, sobre as orações fúnebres, publicado em 1888. Neste trabalho, Caffiaux propõe que o *epitáfio* gorgiano seja dividido em quatro partes: a primeira dedicada a ressaltar a virtude divina do guerreiro mortal, a segunda dedicada as virtudes políticas e guerreiras, a terceira dedicada as capacidades do herói e a necessidade de erguer um troféu a Zeus em sua honra e em memória do reconhecimento do herói, e a última parte dedicada a consolar a família e finalizar o discurso. Para Giombini, o fragmento que nos chegou não apresenta um proêmio que provavelmente teria, mas se localiza no começo do discurso, na parte dos elogios. Giombini ressalta neste texto as considerações gorgianas sobre a verdade, a justiça e o direito positivo e por isso ele se configura em “uma significativa contribuição ao esclarecimento do conceito de

Torres, Carolina Moreira

Resenha de: *Gorgia epidittico – comento filosofico all’Encomio di Elena, all’Apologia di Palamede, all’Epitaffio* (2012, Aguaplano)

direito e moralidade em Górgias” (pág. 238). A partir de uma passagem onde Górgias elogia o herói por “dizer e calar, fazer e deixar de fazer o que se deve e quando se deve” a autora apresenta um “anúncio da teoria do *Kairós*”. Depois disso, passa a uma interpretação da noção de moral em Górgias, criticando a tendência forte da literatura crítica em utilizar-se do relativismo sofisticado no âmbito gnosiológico para construir um relativismo moral levado ao excesso e defende que os textos gorgianos apresentam uma ética positiva que “coincide com a ética da comunidade, a mesma comunidade que defende e garante os valores morais” (pág. 250).

Giombini conclui seu livro dizendo que o a retórica e a arte da comunicação se aplicam ao que se esvai entre a verdade e o verosímil, sendo “uma arte que nem sempre esconde, mas às vezes é propedêutica às manifestações da verdade mesma” (pág. 254) e assim, termina por defender o direito de Górgias a entrar na história da filosofia.

O livro de Giombini trata de assuntos complexos, porém promove uma leitura leve e agradável, provando que a autora realmente aprendeu com seu mestre a arte de efetivar um bom contrato comunicacional. Ela o faz, porém, a seu próprio estilo, deixando de lado os ornamentos exagerados característicos do *gorgeaizen* e a violência de um mestre que impunha ao seu leitor-ouvinte as regras de seu próprio jogo. Não temos aqui soluções mirabolantes, contudo, as inquietações são postas de forma a provocar o leitor a pensar, o que nos convida ao jogo de forma sutil e perspicaz.

[Recebido em setembro de 2016; aceito em setembro de 2016.]